

# Afinidades revolucionárias: nossas estrelas vermelhas e negras. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários

OLIVIER BESANCENOT E MICHAEL LÖWY

*São Paulo: Editora Unesp, 2016. 196p.*

*Marcelo Borel\* e Fernando Freitas\*\**

Os movimentos e organizações de esquerda sempre foram marcados por sua forte heterogeneidade. Por mais que entre eles haja certo grau de coesão epistemológica e ontológica, é inegável que há um conflito interpretativo no campo político da esquerda que remete tanto a compreensões teóricas sobre o processo de superação do sistema capitalista quanto a questões programáticas a respeito de como proceder no curto/médio prazo. Em outras palavras, a esquerda é dotada de diversas faces que refletem de maneiras distintas o objeto comum sobre o qual se debruça: a libertação do ser humano da opressão do capital. Se no seio do próprio marxismo esses conflitos já são suficientemente acentuados (em especial na contenda entre o stalinismo e o trotskismo), eles se agravam ao se colocar de frente o marxismo e o anarquismo. Nesse momento, entram em cena divergências sobre métodos de ação, configuração de um estado pós-revolucionário, o lugar do indivíduo e do(s) partido(s) nesse processo etc.

Contudo, sendo essas divergências entre anarquistas e marxistas públicas e notórias, o livro de Olivier Besancenot e Michael Löwy se propõe a discutir exatamente o outro lado da relação entre essas duas vertentes da esquerda, ou seja, as

---

\* Doutorando em Ciência Política no Iesp/Uerj. E-mail: marcelo.borel@gmail.com.

\*\* Doutorando em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ. E-mail: fernandosemba@gmail.com.

suas proximidades e similitudes. Para dar conta desse propósito, os autores optam por discutir, ao longo da maior parte da obra, eventos nos quais houve “convergência solidária” entre os grupos marxistas e anarquistas, assim como indicar (e debater sobre) pensadores notórios que podem compor o rol de “marxistas libertários”. Posteriormente, chamam a atenção para uma série de questões políticas sobre as quais o anarquismo e o comunismo tendem a discordar, posicionando-se com frequência de forma a aproximar as opiniões de ambos os grupos.

A seleção de eventos históricos nos quais as bandeiras vermelhas e negras flamularam lado a lado vai desde a Primeira Internacional Comunista de 1871 até o Levante Zapatista de 1994 em Chiapas (México), passando pela Comuna de Paris, pela Revolução Espanhola e pelos movimentos altermundialistas. A escolha da Primeira Internacional como marco inicial para a construção argumentativa do livro não é por acaso. Os autores entendem que a unidade de ação forjada no seminal evento de 1871 pode ser reconstruída, sob novos pilares, no século XX. Assim, partem das análises de Marx e Bakunin sobre a Comuna de Paris, proferidas na ocasião, como forma de demonstrar que os diagnósticos marxistas e anarquistas podem apresentar convergências importantes que são, em grande medida, ignoradas pela literatura.

Os acontecimentos nos quais demonstram ter havido solidariedade revolucionária entre marxistas e anarquistas são escassos e remetem sempre a situações específicas e atos fortemente emblemáticos para a esquerda internacional – como os eventos de 1º de Maio em Chicago, a criação da CGT na França e o Maio de 1968. No que toca ao sindicalismo revolucionário, a luta pela diminuição da jornada de trabalho para oito horas diárias e a criação de uma organização operária capaz de “autorrepresentar a classe dos explorados e oprimidos” eram pautas da esquerda em seu conjunto. O mesmo é válido para as manifestações de Maio de 1968. Não surpreende, portanto, que marxistas e libertários tenham se situado do mesmo lado das trincheiras. Junto a esses eventos, os autores incluem também a luta contra o fascismo nos contextos em que anarquistas e marxistas tipicamente atuaram (e ainda atuam) como aliados.

Essa aliança é, na nossa opinião, decerto bem menos coesa do que Besancenot e Löwy fazem parecer. Se na luta pela redução da jornada de trabalho a pauta era comum aos marxistas e libertários, os próprios mártires também pertenciam a grupos políticos distintos, havendo entre eles militantes socialistas, comunistas, anarquistas e anarcossindicalistas – fato que por si só já é suficiente para despertar a solidariedade, foco do livro. Todavia, isso não significa que as diferenças políticas/ideológicas tenham sido dirimidas ou superadas. Os próprios autores reconhecem, por exemplo, que, no Maio de 1968, “o único cimento que os acoplava era a ação” (p.47), demonstrando que as dessemelhanças teóricas permaneciam intactas.

Outros exemplos mobilizados são a Revolução Russa de 1917 e o Levante Zapatista de 1994. No primeiro caso, a convivência solidária e harmoniosa durou apenas até o momento em que o alto escalão soviético julgou conveniente tolerar

as críticas e a livre organização dos autonomistas. Esse período não durou muito tempo, já que apenas quatro anos após a revolução, em 1921, a insurreição dos marinheiros anarquistas de Kronstadt foi severamente reprimida pelo Estado soviético – como é muito bem lembrado pelos autores. Já o subcomandante Marcos e seus companheiros de Chiapas, por mais que sejam influenciados pelas duas doutrinas, não podem ser diretamente vinculados a nenhuma delas. Da mesma forma que não se pode dizer que há por parte dos zapatistas a intenção de disputar o poder do Estado, também não é correto afirmar que sua reivindicação pela autonomia do uso e da posse da terra seja uma pauta necessariamente anarquista e/ou autonomista. Tal filiação se torna ainda mais problemática quando se consideram as próprias especificidades práticas e teóricas que são base fundamental do indigenismo zapatista.

Crítica análoga pode ser elaborada sobre os casos de militantes e intelectuais que os autores mencionam. Ao longo do livro são citadas oito personalidades identificadas como “marxistas libertários”. A maioria delas participou ativamente de algum dos eventos anteriormente debatidos, ou tiveram forte influência deles: Rosa Luxemburgo com a Revolução Russa, Emma Goldman com os mártires de 1º de Maio, Boaventura Durruti com a Revolução Espanhola, subcomandante Marcos com o Levante Zapatista em Chiapas, e Walter Benjamin com Maio de 1968 são alguns exemplos da vinculação entre eventos e indivíduos presentes na obra. Essa incisiva simetria demonstra uma certa limitação do exercício promovido por Besancenot e Löwy: os pontos de intercessão entre marxistas e libertários são tão exíguos que os exemplos elencados para ilustrá-la são autorreferenciados. Além disso, tendo em vista a amplitude assumida pelas teorias revolucionárias no século XX, com grandes nomes atrelados tanto ao desenvolvimento da teoria marxista quanto da anarquista (Gramsci, Althusser, Noam Chomsky, David Graeber, Robert Black, entre outros), é insuficiente apontar como referência do “marxismo libertário” nomes tão escassos e não tão centrais para o desenvolvimento e a consolidação da filosofia revolucionária na contemporaneidade.

O livro oferece um apanhado notável de eventos e personagens decisivos para a história revolucionária marxista e anarquista dos séculos XIX e XX. Porém, pouca atenção é dispensada a questões-chave (como a divergência fundamental sobre o papel do Estado, da classe dirigente e do seu centralismo durante e após o processo revolucionário) que devem ser aprofundadas para que se compreenda, de fato, até que ponto se estendem essas afinidades. Mesmo assim, os autores demonstram de maneira satisfatória que, no que tange à revolução, anarquistas e marxistas estão do mesmo lado das trincheiras. A ausência de uma abordagem mais ampla e aprofundada, decerto impossível de ser empreendida no curto espaço do livro, não diminui o valor da abordagem, cuja provocação abre caminho fértil para pesquisas futuras.